

LAMPIÃO DA ESQUINA: DECOLONIAL E ALTER(N)ATIVO

LAMPIÃO DA ESQUINA: DECOLONIAL AND ALTER(N)ATIVE

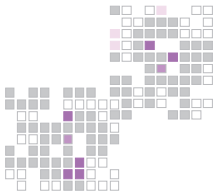
LAMPIÃO DA ESQUINA: DECOLONIAL Y ALTER(N)ATIVO

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

■ Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal). Pós-doutorado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

■ E-mail: murielamaral@yahoo.com.br

159



RESUMO

A proposta do artigo é de reconhecer o jornal *Lampião da Esquina* como decolonial e alter(n) ativo, a partir das considerações de Erick Torrico. Além de ser consagrado como publicação de militante pela diversidade sexual, *Lampião da Esquina* pode ser considerado decolonial ao trazer para debate questões raciais, étnicas, feministas e ambientais em suas páginas. Deste modo, o jornal também se propõe em discutir a homossexualidade pelo viés interseccional, o que promove a pluralidade de representações e de discursos..

PALAVRAS-CHAVE: JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA; DECOLONIALIDADE; ALTER(N)ATIVO; COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

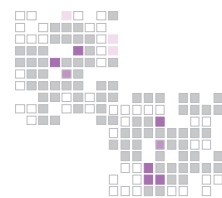
The purpose of the article is to recognize *Lampião da Esquina* news as decolonial and alter(n) active, based on Erick Torrico's considerations. In addition to be consecrated as a publication of an activist for sexual diversity, *Lampião da Esquina* can be considered decolonial in bringing to the debate racial, ethnic, feminist and environmental issues in its pages. In this way, the newspaper also proposes to discuss homosexuality from a intersectional point of view, which promotes the plurality of representations and discourses.

KEY WORDS: LAMPIÃO DA ESQUINA NEWS; DECOLONIALITY; ALTER(N)ATIVE; COMMUNICATION.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo reconocer al periódico *Lampião da Esquina* como decolonial y alter(n)activo, a partir de las consideraciones de Erick Torrico. Además de ser consagrada como una publicación activista por la diversidad sexual, *Lampião da Esquina* puede ser considerada decolonial al traer a las cuestiones raciales, étnicas, feministas y ambientales en sus páginas. De esta forma, el periódico también propone discutir la homosexualidad desde una mirada interseccional, que promueva la pluralidad de representaciones y discursos.

PALABRAS CLAVE: PERIÓDICO LAMPIÃO DA ESQUINA; DECOLONIALIDAD; ALTER(N)ATIVO; COMUNICACIÓN.



1. Introdução

O artigo propõe discutir que o jornal *Lampião da Esquina*, primeiro jornal homoerótico de grande circulação no Brasil pode ser considerado como decolonial e *alter(n)ativo* (Torrìco, 2019, 2016). Reconhecer a publicação como sendo decolonial atende à possibilidade de percebê-lo para além das formas convencionais da imprensa homoerótica por desnaturalizar as representações de homossexuais e outras minorias sociais de espaços marginalizados e, assim, ratificar que esses grupos desenvolvem conhecimento e visibilidade.

Lampião da Esquina circulou de 1978 a 1982 com 38 edições pela iniciativa do jornalista João Silvério Trevisan e outros jornalistas, artistas e intelectuais que perceberem a necessidade de fomentar o reconhecimento público e político de homossexuais, mulheres, ambientalistas, negros e indígenas¹. Ao estabelecer o diálogo com outros grupos, o jornal apresenta seus primeiros traços decoloniais por não ficar retido às pautas quem envolvem o universo e a libido homoerótica e desenvolver assuntos interseccionais (Crenshaw, 2002) sobre política e violência.

A título de estruturação, o artigo se propõe em apresentar as ideias decoloniais (Mignolo, 2014; Castro-Gómez, 2009; Ballestrin, 2013) enquanto iniciativas de reorganização epistemológica e política para a produção de conhecimento. Essa parte avança para reconhecer a decolonialidade também no campo da comunicação a partir das reflexões de Torrìco (2019, 2016) ao apresentar que a comunicação pode exercer o movimento em ser *alter(n)ativa* e *ex-cêntrica*. A segunda parte do artigo se propõe em reconhecer onde esses processos estão contidos nas páginas do jornal, recortando uma amostra aleatória das 38

edições do jornal.

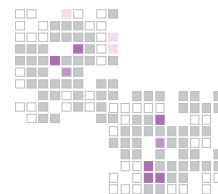
Ao sugerir que o jornal pode ser decolonial, em nada anula os estudos e pesquisas desenvolvidos que o consideram como veículo de comunicação alternativa (Kucinski, 2018; Péret, 2012; Arias Neto, Pessoa do Amaral, 2016) na defesa dos direitos pela diversidade sexual. Pelos estudos decoloniais, a possibilidade de reconhecer uma produção alternativa ainda estabelece uma relação de poder e hierarquias entre os conteúdos, identidades e modos de produção. Além disso, pela decolonialidade, é possível reconhecer outros caminhos teórico-metodológicos para perceber que *Lampião da Esquina* não se limitou apenas em ser resistência, mas também produziu conhecimentos e visibilidades a partir da realidade do próprio grupo e da realidade de outros países latino-americanos e outros grupos.

2. Pensamento decolonial e comunicação

A proposta de repensar as formas de construção de conhecimento e o reconhecimento, grupos e sujeitos no espaço público são movimentos arquitetados pela epistemologia decolonial. É importante frisar a diferença entre processos de descolonização e decolonialidade. Para Rosevics (2017), o primeiro termo se refere ao momento de independência das colônias europeias asiáticas e africanas no período após a Guerra Fria, enquanto que a decolonialidade diz respeito à intenção política de reconfigurar as relações históricas e epistemológicas para contemplar feitos e personagens que foram obscurecidos por uma questão de poder.

Os estudos decoloniais também apresentam outra perspectiva da proposta pós-colonial. Embora ambas refletem sobre as demonstrações de poder, para Reis e Andrade (2018, p. 3) “o pensamento pós-colonial se articula na perspectiva de demonstrar as dessemelhanças antagônicas existentes entre colonizador e colonizado, denunciando essa discrepância com

¹ Por uma questão de limitação de espaço, a história do jornal *Lampião da Esquina* pode ser acompanhada em Péret (2012), Trevisan (2018) e Arias Neto; Pessoa do Amaral (2016).



projeto de domínio e opressão”. Por esse caminho, o pensamento decolonial se estrutura não pela interface ou pela relação entre dominados e dominadores, mas pelos conhecimentos e saberes de países, comunidades e grupos que foram negligenciados ao longo de vários anos por terem sido considerados de baixo valor para contribuir às áreas dos saberes.

Destarte, os desenvolvimentos econômico, social e cultural elaborados na Modernidade não contemplaram demonstrações que estivessem fora do esquadro de aspectos eurocêntrico, burguês, capitalista e da branquitude, excluindo os referenciais orientais, latino-americanos, periféricos e de outros povos e etnias. Ao recusar determinados grupos, conhecimentos e modos de representação, a Modernidade foi para Mignolo (2014) o período de colonialidade de saberes e também de violência ao promover o apagamento e silenciamento de valores que orbitassem alheios aos discursos de poder. Enquanto um movimento de crítica sobre a naturalização da Modernidade pelo viés eurocêntrico e burguês, Castro-Gómez (2009) julga como improcedente a ideia “ponto zero” (*punto cero*) desenvolvida pelos pensadores da época. O conceito estabelece que os métodos de produção de conhecimento anteriores àquele período não seriam suficientes para a construção epistêmica consolidada e se limitariam à condição de *doxa*, ou seja, de opinião:

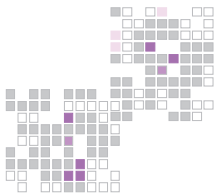
El resto do conocimiento desplegado historicamente por la humanidad durante milenios son vistos como anecdóticos, superficiales, folclóricos, mitológicos, “precientíficos” y, em cualquier caso, como pertenecientes al pasado de Occidente. Este colonialismo epistémico de la ciencia occidental no es em absoluto gratuito. La hybrid del punto cero se forma, precisamente, en el momento en que Europa inicia su expansión colonial por el mundo em los

siglos XVI y XVII, acompañado así a las pretensiones imperialistas de Occidente. El punto cero sería entonces la dimensión epistémica del colonialismo, lo cual no debe entenderse como una simple prolongación ideológica o “superestructural” del mismo, como quiso el marxismo, sino como un elemento perteneciente a su “infraestructura”, como algo constitutivo (Costa-Gómez, 2014, p. 92, grifo do autor).

Pela crítica desenvolvida pelo autor, o ponto zero também desqualifica, além de determinados saberes, as questões subjetivas para a construção do conhecimento como as experiências, as relações com os espaços e os afetos construídos entre sujeitos. Por essa ótica, as práticas decoloniais, para Mignolo (2014), pretendem também descolonizar os discursos e práticas históricos, os espaços de construção de conhecimento ao trazer à luz a revolução epistêmica e política ao contemplar a diversidade e pluralidade de sentidos e representações, afastando a fantasia de códigos e sentidos universais e totalizantes ao trazer vivências, experiências e subjetividades. Assim, a decolonialidade é:

(...) camino diverso y disperso, que emerge em todo el globo (...) de des-colonizar toda pretensión teórica de totalidad (...) pensaren la diversidad global de proyectos descoloniales que tienen em común ser descoloniais pero que, a la vez, mantienen la singularidad de los lugares, las personas, las lenguas, las subjetividades, las emociones y los horizontes descoloniales de vida: esto es, del bienestar para todos, la cooperación y la convivialidad em lugar del bienestar para pocos, la competencia y las relaciones públicas (Mignolo, 2014, p. 15-16).

A proposta de reconfigurar as formas de



conhecimento foi denominada como giro decolonial (Ballestrin, 2013), movimento que não apenas contemplou países periféricos da América Latina, Ásia e África, mas também regiões, povos e grupos marginalizados de grandes centros. A intenção de repensar os modos epistemológicos e políticos dentro das áreas de conhecimento foi uma proposta encontrada em algumas áreas do conhecimento como os estudos feministas. O feminismo decolonial, por exemplo, investiga representações e experiências de mulheres que vivenciam acontecimentos para além dos referenciais brancos e burgueses. Lugones (2010) trouxe reflexões para pensar que o universo feminista é acompanhado de particularidades que abrangem experiências específicas e vivências de mulheres latino-americanas, pretas, periféricas nem sempre contempladas nas reflexões consolidadas da área.

O feminismo decolonial também pôde ser visto pela necessidade de realizar interseccionalidades para investigar a pluralidade sobre mulheres. Assim, não apenas a percepção de gênero seria suficiente para análise enquanto processo metodológico, mas a necessidade de levar em consideração questões de classe, etnia, raça e outras variantes para analisar o universo investigado. De acordo com Crenshaw (2002, p. 17):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

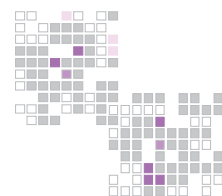
Crenshaw desenvolveu o conceito de interseccionalidade para refletir sobre as práticas

de violência contra mulheres e esta ideia pode trazer contribuições significativas para outros estudos homoeróticos, quando analisadas as demonstrações de violência relatadas no jornal *Lampião da Esquina*.

Da mesma maneira em que houve intenções de reconfigurar os modos de produção de conhecimento dentro das ciências sociais e humanas, há também movimentações para decolonizar o campo da comunicação. Dentro dos estudos latino-americanos, essa percepção é visível quando as formas de sociabilidade e comunicação de grupos marginalizados e subalternos foram objetos de estudo (Marques de Melo, 1979; Woitowicz, 2007; Beltrão, 2004) ou quando a comunicação passou a ser compreendida como demonstração libertária dialógica de troca de conhecimento (Freire, 1987, 1983).

Quando a decolonialidade é apropriada pelos estudos da comunicação, a interface entre dominados e dominadores perde força e são elaboradas práticas que valorizem os modos de comunicação dentro do grupo em tela de tal forma que haja “una reinterpretación no eurocéntrica de la historia del mundo e impulsar el desmontaje de los mecanismos de la occidentalización compulsiva a los que este mundo fue sometido tras la integración de América a la geografía planetaria” (Torrice, 2016, p. 24). A proposta de Torrice não é de desmerecer os pensamentos até então elaborados, mas de descortinar outras possibilidades de análise da comunicação para além dos centros consagrados e, por isso, o autor estabelece o movimento da comunicação ser *ex-cêntrico*. O neologismo criado por ele carrega a duplicidade de sentido, além de ser algo fora dos esquadros de poder:

O significado atribuído aqui ao conceito – não apenas ao termo – refere-se, antes, a um afastamento consciente e deliberado do



que está “centralizado” e, conseqüentemente, dá impulso a uma opção diferente. O ex-cêntrico, com hífen, significa “o que está fora do centro”. Se o “esquema persistente” sintetiza a ideia “centrada” de comunicação, na dupla acepção indicada antes – a de pertencer à episteme da Modernidade e seu teor “correto”, sensato e com obrigatoriedade de uso na prática –, a Comunicação ex-cêntrica, que deriva da crítica latino-americana à comunicação colonial, se coloca como uma rota compreensiva alternativa, baseada no pensamento decolonial (Torrìco, 2019, p. 103).

Por outro neologismo, Torrìco também sugere a releitura do termo alternativo dentro do campo da comunicação. Os veículos de comunicação alternativa se propuseram a oferecer resistência, outros discursos aos hegemônicos, além de sanar uma debilidade comunicacional quanto à quantidade de conteúdo e quanto aos assuntos abordados; como foi o caso do jornal *Lampião da Esquina*. A ideia de Torrìco (2018) avança para reconhecer a comunicação alternativa como um processo humanizado que revisa a tradição histórica do campo e dialoga com a possibilidade de desenvolver a alteridade. O autor cria as ideias de *sub/alterno* e de comunicação *alter(n)ativa* ao realocar a comunicação enquanto proposta epistemológica-teórica e uma prática social:

Esta alter(n)atividad tiene que ver tanto con el carácter local y localizado (nativo) del pensamiento comunicacional latinoamericano – de donde se desprende su otredad (es, por ello, un alter) –, como con su fuerza transformadora (de alteración). Y la novedad concierne ante todo a su diferencia con la comunicación alternativa de la década de 1970, que más bien estaba centrada en contrarrestar el monopolio de la palabra ejercido por los sistemas mediáticos ligados

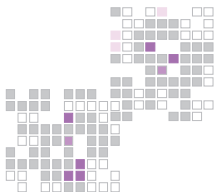
a los poderes internos y transnacionales (Torrìco, 2016, p. 35).

Em alguma medida, a comunicação alternativa tradicional se aproxima da perspectiva elaborada por Torrìco quando se propõe a estabelecer diálogo e oferecer sinais de liberdade. A novidade da proposta decolonial para a comunicação se aloja na intenção de articular a promoção da visibilidade, a pluralidade de representações e, principalmente, valorizar os processos comunicacionais a partir da alteridade entre os próprios sujeitos pertencentes ao grupo e a outros grupos apartados de reconhecimento público fora dos esquemas consagrados de comunicação midiática. A comunicação pela resistência não se manifesta apenas enquanto movimento combativo, mas em desígnios para fortalecer as identidades e o reconhecimento político. A próxima etapa do texto será de apresentar como os valores decoloniais estão presentes no jornal *Lampião da Esquina* em movimentos de alteridade e de resignificação de representações das homossexualidades em diálogo com outros grupos sociais.

3. *Lampião da Esquina* e a decolonialidade

Desde a primeira edição do jornal *Lampião da Esquina*, de número zero, há o movimento de promover as identidades e representações de homossexuais para além dos espaços marginalizados. A proposta do jornal não se limitou apenas à diversidade sexual, mas contemplou também outros grupos, o que sugere movimentações de alteridade, como apresenta o editorial:

Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que toda a sociedade construída em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres



humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (...) Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador (Lampião da Esquina, 1978a, p.2).

Ao reconhecer a necessidade de avançar para além dos espaços dos guetos, a decolonialidade da comunicação desenvolvida pelo jornal promove a visibilidade de grupos que passam pela violência simbólica com o intuito de desnaturalizar o sentido estereotipado de homossexuais. A ideia de reinventar as representações também perpassa o próprio nome da publicação. Ao aliar a figura masculinizada do cangaceiro Lampião à esquina, local comumente idealizado como ponto de prostituição, refaz a representação masculina para além de signos da força e violência, além de oferecer luz a figuras marginalizadas que se encontram no limbo social:

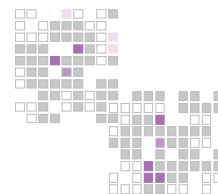
O uso de tais palavras em Lampião, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para, em seguida, desmistificá-las. Veja bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviam como o meio mais simples para mostrar a separação que existe entre o nosso mundo e o dos outros. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras (Lampião da Esquina, 1978a, p.3).

A intenção de desmistificar a identidade e a representação dos homossexuais foi um movimento encontrado na edição de número 07,

de dezembro de 1978. A nota intitulada *Procuram-se: vivo ou morto* apresenta uma fotografia dos atores do programa *Os Trapalhões* e reflete sobre o quão é agressivo a permanência dos sentidos refratários atribuídos a homossexuais:

Os quatro cidadãos da foto foram sem nenhuma dúvida os que mais contribuíram, neste ano que passou, para manter viva e perene, em todos os lares brasileiros, a única imagem de homossexual que o sistema admite: aquela do achincalhe, do deboche, da bicha louca, doentia e histérica que Renato Aragão, Mussum, Dedé Santana e Zacarias sabem imitar tão bem. É por isso que os quatro podem se expandir livremente, fazendo a cada domingo seus esforçados travestis, sem o menor problema com a censura habitualmente tão zelosa: ao ridicularizar os homossexuais, os Trapalhões aludam a tranqüilizar os atormentados corações da maioria silenciosa e assustada, e assim, prestam um grande serviço ao establishment (Lampião da Esquina, 1978b, p. 11).

O movimento de reelaborar as representações e os sentidos para além dos valores cristalizados pode ser compreendido como *alter(n)ativo* porque propõe outro olhar acerca da sexualidade para além dos valores previamente estabelecidos. A decolonialidade de Lampião da Esquina acontece quando as matérias não se limitam apenas aos desejos e à libido homoerótica, mas também traz outros temas ao debate. Ao promover a interseccionalidade e pluralidade de posicionamentos por outros assuntos, o jornal pode ser considerado *ater(n)ativo* e *ex-cêntrico* porque orbita para além de temas sobre as questões das homossexualidades e também apresenta panorama sobre as questões de raça no país. Refletir sobre a interface entre negritude e diversidade sexual é reconhecer a alteridade entre



os dois marcadores, além de ser uma proposta de perceber a pluralidade de experiências, subjetividades e interseccionalidade. A edição de número 15, de agosto de 1979, trouxe na chamada de capa a entrevista com Abdias do Nascimento, político, ator e militante da causa negra.

A entrevista com o intelectual é intitulada *Nessa democracia quem governa é a minoria branca* e Abdias discursa sobre a condição de violência e vulnerabilidade a que está exposta a comunidade negra. Ele também pontua a necessidade de pensar como a criminalidade é tecida pelo viés racial em relações de poder ao citar que grande parte dos crimes são praticados por negros em situação de pobreza. Quando o jornal faz essas reflexões, vêm à tona posicionamentos interseccionais que consideram as questões raciais e de classe fundamentais para o surgimento da criminalidade. De acordo com Abdias, a prisão para os negros é uma questão política:

As prisões, portanto, estão cheias de presos políticos; porque a prisão por motivos raciais é uma prisão política; e por isso que nós reivindicamos, também, nessa tal de anistia ampla, irrestrita e coisa e tal, a liberação dos negros presos, que estão aí falsamente definidos como presos comuns; isso é mais uma safadeza dentro de todo este sistema de opressão ao negro (Lampião da Esquina, 1979, p.10).

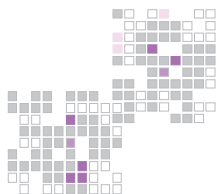
Quanto ao embate sobre a união entre homossexuais e negros, Abdias do Nascimento trouxe em seu discurso posicionamento interseccional ao triangular a importância da pluralidade de representações em defesa dos direitos contra a repressão:

Eu acho bobagem isso. Se vocês estão abrindo espaço para eles [negros], se não sair por haver censura do jornal ao que a outros grupos

escrevem, por que não colaborar? É preciso usar todos os instrumentos, todos os meios (...) Mulheres, negros, índios e homossexuais devem lutar juntos contra a repressão (Lampião da Esquina, 1979, p. 10-12).

Para ele, a organização social brasileira deveria se basear no quilombismo, não enquanto uma formação de gueto, mas como sendo uma estruturação baseada na ajuda mútua e na visibilidade da comunidade negra, uma vez que negros compõem numerosa parcela da sociedade brasileira. Abordar a relação entre criminalidade e questões raciais em uma publicação homoerótica alarga os assuntos debatidos enquanto movimento de alteridade e *ex-cêntrico* para refletir sobre a realidade e a violência a que negros e homossexuais são submetidos. A visibilidade aos negros também foi assunto da matéria da edição de número 04, de agosto de 1978, quando o jornal cobriu o protesto ocorrido no centro São Paulo pela morte de um rapaz negro e a tortura de outros quatro no Clube Tietê. Ao reportar a manifestação, o jornal não apenas trouxe movimentos de resistência, mas também de alteridade ao sofrimento de outra comunidade e reflexões sobre a necessidade de repensar a negritude no espaço político:

A morte de um rapaz negro torturado numa dependência policial e a discriminação contra quatro atletas negros no tradicional Clube Tietê, em São Paulo, lesaram as várias entidades que congregam negros naquela cidade a um ato inédito no país: um protesto público contra a discriminação racial. Isso foi possível porque aquelas entidades finalmente se uniram, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que agora orientará a luta daquela comunidade contra a discriminação. Cerca de três mil pessoas participaram do ato público nas escadarias do



Teatro Municipal, em São Paulo. (...) Clóvis Moura, presidente do IBEA, uma daquelas entidades, fala sobre essa nova etapa na luta dos negros contra o racismo. “(...) Nós achamos que o negro brasileiro foi marginalizado por um processo histórico e através de uma tática da colonização, que tirou dele a consciência étnica. No Brasil criou-se o modelo branco como sendo o superior. E ao mesmo tempo criou-se toda uma escala cromática através da qual se poderia chegar lá: de acordo com ela, à medida em que se afasta mais do negro, o indivíduo ascende social e economicamente. Isso levou a que a comunidade negra ficasse praticamente isolada: só quem é negro retinto é que assume a sua condição” (Lampião, 1978c, p. 6).

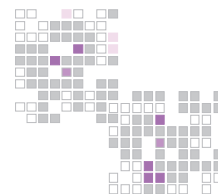
A diversidade e interseccionalidade de posicionamentos na publicação não permaneceu apenas quanto às questões raciais, mas também étnicas. A edição de número 08, de janeiro de 1979, trouxe apontamentos sobre o Estatuto do Índio que, ao invés de valorizar a etnia a partir da própria condição, fomentou que povos indígenas sejam emancipados e culturalmente formatados de acordo com a moral branca e urbana. Ao perceber a necessidade da manutenção das práticas dos povos originários, o jornal trouxe ao debate a necessidade de enxergar a importância da cultura indígena enquanto movimento de alteridade e visibilidade pública em não estabelecer relativização ou hierarquias entre culturas:

O Estatuto do Índio, que segundo, Ministro do Interior, Rangel Reis, “visa exclusivamente a apoiar o desenvolvimento econômico e social das comunidades indígenas”, e que engloba o projeto de emancipação, continuava neste final de 1978 a pairar sobre os indígenas como urna ameaça, apesar do clamor em contrário que se

ouvir no país inteiro. LAMPIÃO da Esquina, que desde o número zero apresentou-se como um jornal de minorias e destacou os índios como lima das minorias a ser prioritariamente defendidas, da, neste número sua contribuição à luta geral em favor, da sobrevivência do índio brasileiro; mas acha que deve fazer à sua maneira, lembrando mesmo aos que se declaram partidários desta luta que o índio deve ser apresentado não como um ser mítico, o senhor da floresta, mas como um povo que tem sua cultura própria. Uma cultura cuja base principal à harmonia com a natureza, uma harmonia tão completa que abrange o sexo: entre eles, esta é fonte de alegria e prazer em todas as suas formas (Scherpenberg, 1979, p. 5).

O jornal denomina como *etnocídio* a possibilidade de enquadrar os indígenas à cultura branca e a intenção de emancipá-los faz com que sejam marginalizados nos espaços urbanos:

Tragédia que agora deseja-se transformar em etnocídio, através da implantação de um projeto de decreto que tornará o índio, não índio. Ou seja, que tornará o índio “cidadão pleno” deste país, incorporando-o, pelo menos, a outros 60 milhões de pessoas que têm padrão de vida miserável, decorrente dos baixos salários que conseguem auferir. Como ninguém pode acreditar que se possa transformar pessoas, nem realidades sociais, por decreto; nem tampouco que interessa aos índios ter acesso a situações que, se desejadas, eles efetivamente já possuem (refiro-me, por ex. à obtenção de registro civil; carteira de trabalho ou título de eleitor), temos de pensar sobre o que efetivamente há como motivação para o esforço que se está realizando no âmbito oficial para implantar o malfadado, o inoportuno projeto de emancipação (...) E o



índio se torna, para o Governo, um problema profundamente humano, na medida em que ele se conscientiza das mudanças e os problemas daí decorrentes e começa a questionar, dentro da lógica da cultura branca, estas próprias mudanças (Santos, 1979, p. 5).

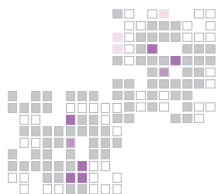
Pela leitura que o jornal apresentou sobre o código, a cultura indígena não seria preservada e estaria a par da liturgia branca e urbana. Por esses movimentos que Lampião da Esquina promove a alteridade e a condição de ser *alter(n)ativo* e *ex-cêntrico* por veicular a realidade de comunidades nativas como pertencentes ao debate político. Para além disso, o jornal refuta a ideia de que os indígenas sejam considerados problemas quando emancipados porque são enquadrados segundo preceitos alheios à própria cultura. Para contemplar a diversidade de culturas, a mesma edição veiculou rituais relatados pelo pintor estadunidense Tobias Schneebaum que foram descritos no livro *Keep the river on your right* sobre uma tribo de indígenas peruana. O texto traduzido por João Silvério Trevisan apresenta o ritual de nascimento de uma criança indígena daquela comunidade não enquanto uma curiosidade antropológica, mas como uma forma de apresentar outros ritos, a relação de maternidade e a coletividade existente na cultura daquela comunidade:

A gestante cavou um buraco. Ela se ajoelhou por cima do buraco, com as pernas bem abertas. Deixou escapar um gemido, enquanto uma massa úmida escorregava do meio de suas pernas. A seguir, cantou longamente, em tom altíssimo, até que outra mulher veio e ajoelhou-se a seu lado. Depois que a mãe apanhou o bebê, ambas taparam o buraco. Segui-as em direção ao rio, onde elas lavaram a criança. Pegaram o corpo de um filhote de jaguar que já estava por ali e deixaram que

o sangue da garganta aberta escorresse sobre a cabeça da criança (Lampião da Esquina, 1979b, p.6).

O diálogo com países latino-americanos também se expressa em reconhecer quais são os marcadores para a violência. Na edição de número 07, o jornal veiculou demonstrações de reconhecimento público e político de homossexuais na América Latina, em especial na Argentina, país em que houve intolerância por parte do governo. Ao trazer a realidade enfrentada por países latino-americanos, o jornal oferece um panorama que reforça quais são os marcadores que promovem a violência contra o grupo para além das questões de gênero e identidade como proposta interseccional. Pelas ações do Ministro do Bem-Estar Social da Argentina, Lopez Rega, homossexuais foram presos por acreditar que havia associação entre homossexualidade e marxismo. Dentro do cenário político, as ditaduras militares que ocorreram na América Latina, em alguma medida, ascenderam a fantasia para evitar o avanço comunista nos países do subcontinente:

Em 1975, El Caudillo, jornal oficial desse Ministério e porta-voz da direita peronista, publicou violenta matéria contra os homossexuais argentinos, sem esquecer de mencionar particularmente a Frente de Liberação: “Temos que acabar de vez com os homossexuais. Precisamos formar Esquadrões de Vigilância que façam uma limpeza nas ruas e agarrem esses indivíduos vestidos de mulher. Devemos cortar-lhes os cabelos e deixá-los amarrados em árvores, com cartazes dependurados, explicando os motivos. Não queremos mal a homossexuais. Que eles partam para as nações amigas”. A homossexualidade é tida como parte de uma conspiração comunista: “O marxismo



utilizou e utiliza a homossexualidade como um instrumento para sua penetração e como aliada para seus objetivos. Mas todo mundo sabe que nos países comunistas os maricas são tratados como um verdadeiro vício social, daí marginalizados, exterminados e silos exatamente como são: um grande mal. (...) Em relação àqueles invertidos que já existem entre nós, propomos que sejam enfiados em campos para reeducação e trabalho forçado, de tal modo que responderão a duas necessidades de uma só vez: serão separados do resto da sociedade e compensarão o País pela perda de um homem útil. A ameaça não se restringe evidentemente aos homens: “As mulheres que vão contra a corrente: metade machonas e metade marxistas. Trata-se dessas que andam por aí em motocicletas, pensando que são iguais aos homens. (...) eis o grito final: é preciso acabar com os homossexuais. Devemos trancafiá-los ou matá-los” (Lampião da Esquina, 1978d, p. 08).

A realidade de violência contra homossexuais também pôde ser acompanhada no Chile, onde, segundo a fonte chamada Marcos Manuel, houve a intenção de instaurar campos de concentração para alojá-los:

“Eles estão afim de botar a bicharada toda em campo de concentração (...)” Logo que voltaram a circular, os jornais puseram-se a acusar os marxistas, homossexuais e delinquentes de elementos perniciosos à sociedade. Todos os pontos frequentados pelas bichas foram fechados e seus funcionários, na melhor das hipóteses acabaram indo para os campos de concentração (Bittencourt, 1978, p. 07).

A relação entre sexualidade e ideologia denunciada pelo jornal é compreendida como

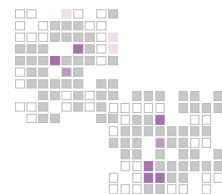
motivo para o surgimento da violência contra homossexuais. Por outro lado, a necessidade de debater sobre ambos marcadores desenvolve reflexões mais complexas acerca da ideologia, das identidades e das questões de gênero.

4. Considerações finais

Devido à limitação do espaço, não foi possível analisar todas as demonstrações decoloniais apresentadas pelo jornal como a crítica feita à falta de representatividade de mulheres negras e periféricas no primeiro encontro feminista organizado pelo Centro da Mulher Brasileira (CMB), em 1979. Todavia, pelos recortes apresentados é possível diagnosticar que os discursos e práticas decoloniais estiveram presentes nas páginas de Lampião da Esquina ao trazer para o debate as questões raciais, de gênero e étnicas em diálogo com as homossexualidades.

O jornal Lampião da Esquina pode ser compreendido pelos caminhos clássicos sobre a imprensa alternativa como uma publicação de resistência, por outro lado, também pode ser reconhecido como sendo decolonial, interseccional, *alter(n)ativo* e *ex-cêntrico* pela intenção de desnaturalizar representações e práticas convencionais da imprensa homoerótica em diálogos que prezam pela pluralidade de temas que envolvem os assuntos pertinentes à América Latina.

Destarte, o jornal produziu discursos, representações e experiências de grupos e sujeitos que se encontram dentro da própria realidade brasileira ou latino-americana como forma de promover a visibilidade e o reconhecimento político. Portanto, analisar e reconhecer o Jornal Lampião da Esquina pela decolonialidade abre outros espaços para novas reflexões sobre os processos de comunicação e outros caminhos teórico-metodológicos para além daqueles consagrados no campo.



Referências

- ARIAS NETO, José Miguel; PESSOA DO AMARAL, Muriel Emídio. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). *Cuad.inf.*, n. 39, p. 101-112, 2016.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- BITTENCOURT, Francisco. “Não somos turistas, somos fugitivos”. *Lampião da Esquina*, ed. 7, dez. 1978, p. 7.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El lado oscuro de la “época clásica”: filosofía, ilustración y colonialidad en el siglo XVIII. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. *El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial*. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 89-113.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da criminalização racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 1, p. 171-188, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2018.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. Saindo do gueto. *Lampião da Esquina*, ed. 0, abril de 1978a, p. 2.
- _____. Procura-se: vivos ou mortos. *Lampião da Esquina*, ed. 7, dez. 1978b, p. 11.
- _____. A praça é dos negros. *Lampião da Esquina*, ed. 4, ago. 1978c, p. 6.
- _____. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas/ Um documento do exílio. *Lampião da Esquina*, ed. 7, dez. 1978d, p.6.
- _____. “Nessa democracia quem governa é uma minoria branca. *Lampião da Esquina*. ed. 15, 1979, p. 10-12.
- _____. Na selva peruana. *Lampião da Esquina*, ed. 8, 1979, p. 6.
- LUGONES, María. Toward a decolonial feminism. *Hypatia*, Hoboken, v. 25, n. 4, p. 742-759, 2010.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, opinião e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Vozes, 1979.
- MIGNOLO, Walter. Introducción. In: CHUKWUDI, Eze; ENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. *El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial*. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 9-18.
- PÉRET, Flavia. *Imprensa gay*. São Paulo: Publifolha, 2012.
- REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafio e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 202, p. 1-11, 2018.
- ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, Glauber Cardoso; ROSEVICS, Larissa (org.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017. p. 240-265.
- SCHERPENBERG, Katie van. Como aprender com os índios. *Lampião da Esquina*, ago. 1979, p. 5.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Nas raízes da tragédia. *Lampião da Esquina*, ago. 1979, p. 5.
- TORRICO, Erick. La comunicación en clave latinoamericana. *Chasqui*, n. 132, p. 23-36, 2016.
- _____. Para uma comunicação ex-cêntrica. *MATRIZES*, v. 13, n. 3, p. 89-107, 2019.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.
- WOITOWICZ, Karina Janz. Grupos marginalizados. In: WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz (org.). *Noções básicas de folkcomunicação: conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p. 59-63.

